



CIDADE NÃO-GLOBAL E A BUSCA DE UM LUGAR: RELOCALIZAÇÕES EM NARRATIVAS DE ADRIANA LISBOA*

NON-GLOBAL CITY AND THE SEARCH FOR A PLACE: RELOCATIONS IN ADRIANA LISBOA'S NARRATIVES

Vander Vieira Resende**

**vanres2004@yahoo.com.br

Doutor em Letras: Estudos Literários pela UFMG e professor da rede pública estadual do Estado de Minas Gerais. Foi um dos vencedores do 1º Prêmio “Construindo a Igualdade de Gênero”, promovido pela então Secretaria Especial de Políticas para Mulheres (SPM) da Presidência da República.

RESUMO: Em romances de Adriana Lisboa, figuram-se, preponderantemente, cidades não-globais, como locais preferenciais de chegada de personagens em trânsito fora da nação. Ao invés de deslocamentos internacionais por cosmopolitas ricos ou de classe média, ao invés de hipermodernos e superpopulosos centros administrativos, financeiros, culturais e políticos, diversas personagens, mesmo que transitem por certo tempo por Londres, Chicago ou Rio de Janeiro, tendem a ser figuradas relocando-se em cidades interioranas de menor porte. Em contraponto a vivências dramáticas de trânsitos e mobilidades sem fim em fulgurantes cidades globais, reiteradamente correlacionadas à desconexão social, identidades fragmentadas e subjetividades cindidas, muitas personagens lisboanas, em suas vidas deslocadas, parecem buscar recentramentos e relocalizações em cidades não-globais, ainda que globalizadas, constituídas como lugares, muitas vezes, de hospitalidade e solidariedade, que possibilitariam a (re)construção de redes afetivas e de relações de pertencimento.

Palavras-chave: Adriana Lisboa; Literatura Brasileira; Deslocamentos; Lugar; cidade global.

ABSTRACT: In Adriana Lisboa's novels, non-global cities are predominantly featured as preferred places of arrival for characters in transit outside the nation. Instead of international displacements by wealthy or middle class cosmopolitans, instead of hypermodern and overpopulated administrative, financial, cultural and political centers, several characters, even if they travel for a time in London, Chicago or Rio de Janeiro, tend to be figured relocating in smaller cities. In contrast to dramatic experiences of transits and endless mobilities in glowing global cities, repeatedly correlated with social disconnection, fragmented identities and split subjectivities, many Lisboa's characters, in their displaced lives, seem to seek refocusing and relocations in non-global cities, although globalized, constituted as places, often, of hospitality and solidarity, that would allow the (re)construction of affective networks and relationships of belonging.

Keywords: Adriana Lisboa; Brazilian literature; Displacements; Place; global city.

* Esse texto é uma versão alterada e ampliada, em termos de reflexão e organização, de tópico de minha tese de doutorado (RESENDE, 2020).

CIDADES NÃO-GLOBAIS E A BUSCA DE UM LUGAR

Apesar de, necessariamente, se articular no espaço da antiga metrópole ou de um centro hegemônico, os escritores e escritoras que fazem do espaço transnacional seu território enunciativo desestabilizam esse centro.

Sandra Almeida

[...] se o capital circula, hoje, livremente, em todos os países, o mesmo não ocorre com o trabalho, cujos entraves de circulação são por demais evidentes, continuando nosso mundo a ser marcado por uma globalização desigual e assimétrica.

Maria Zilda Cury

Em um contexto contemporâneo de ampliação da globalização e de descentramento de nações, cada vez mais, narrativas literárias tematizam deslocamentos e representam mobilidades internacionais e transnacionais de personagens deslocadas para além das fronteiras da nação. Tais narrativas constituíram, até mesmo, uma vertente de narrativas de deslocamentos e realocações que figura tensas relações locais, nacionais e globais, e coloca, em cena, nações em crise, identidades coletivas

fragmentadas, subjetividades descentradas e cindidas. Romances de Adriana Lisboa, ilustrariam, de modo paradigmático, tal vertente. Contudo, com alguns diferenciais, pois, ao representarem personagens em busca de um lugar fora da nação (de) partida, configuram deslocamentos em localidades que, inseridas marginalmente na globalização assimétrica contemporânea, são, sobretudo cidades não-globais.

Nas duas primeiras décadas deste século XXI, houve um aumento quantitativo expressivo de representações de trânsitos para fora do Brasil. São tantas narrativas que estudiosos da literatura chegam a defini-las como uma nova vertente literária: “narrativas de deslocamento” (BRASILEIRO, 2010), “literatura de emigração” (PIRES, 2014). Trânsitos internacionais marcam presença em uma longa tradição da história e da literatura brasileira. No entanto, suas representações ampliam-se durante a segunda metade do século XX e explodem na ficção brasileira contemporânea, em obras cujas personagens deslocam-se como viajantes, estudantes, turistas, expatriados, emigrantes, exilados, cosmopolitas ricos e, inclusive, pobres. Compreensivelmente, distinguem-se, nessas figurações de mobilidades, peculiares contextos históricos, ideológicos e culturais, conforme os tipos e motivos diversos a ocasionar os deslocamentos internacionais contemporâneos.

Narrativas que figuram conflitos nacionais, identitários e subjetivos, bem como relacionam-se, muitas vezes, a consequências funestas de uma globalização assimétrica que se associa a fluxos humanos de abrangência mundial. Segundo dados coletados pelo Alto Comissariado para Refugiados das Nações Unidas, o total de “migrantes” internacionais alcançou a cifra de 285 milhões, em 2019 (UNHCR, 2019). Quanto ao Brasil, ondas de deslocamentos são cada vez mais maiores. Duas amostras consideradas por Isadora Pamplona ilustram tal questão: em 2016, 3,1 milhões de brasileiros viveriam no exterior, conforme dados do Ministério das Relações Exteriores do Brasil; em 2018, pesquisa do Instituto Datafolha apontou que “62% dos brasileiros entre 16 e 24 anos gostariam de sair do país” (PAMPLONA, 2018). Tantos deslocamentos decorreriam de um contexto disjuntural¹, entre outros aspectos: do recrudescimento da globalização, do aumento do comércio mundial, da ampliação das interações em larga escala, da emergência de intervenções extraterritoriais. Aspectos que ocasionaram reconfigurações significativas ao redor de todo o mundo. Nesse contexto global sujeitos que constituem aquele “resto”, apontado por Hall (2003), vindo de fora do “ocidente”, almejariam deslocar-se para nações capitalistas avançadas, sobretudo para sedes de velhos e novos impérios, nos quais se estabeleceriam em cidades globais.

1. Expressão desenvolvida por Arjun Appadurai (2005).

Entre narrativas literárias, romances da escritora brasileira contemporânea Adriana Lisboa possibilitariam analisar figurações de consequências sociais e culturais, por vezes nefastas, dos trânsitos globais contemporâneos. No mínimo, flagram complexos deslocamentos (espaciais, identitários, culturais, linguísticos, subjetivos, afetivos) de tipos diversos (viagem, turismo, expatriação, emigração, exílio, refúgio), em múltiplos espaços, tempos e vozes. Ademais, representam personagens que, inicialmente, seriam simbólicos da condição contemporânea expressa em narrativas de deslocamentos e realocações: sujeitos deslocados fora de suas nações (de) partidas, vivenciando, muitas vezes, a crise de relações familiares e comunitárias, em meio a conflitos subjetivos e identitários. No entanto, há vários aspectos diferenciais nos romances de Adriana Lisboa. Nesse artigo, discute-se um: como, na busca de um lugar para se realocar, muitas personagens lisboanas deslocam-se rumo a cidades não-globais.

NARRATIVAS DE DESLOCAMENTOS E A CIDADE GLOBAL

Na conceituação desenvolvida por Saskia Sassen, as “cidades globais” “emergem como uma plataforma parcialmente desnacionalizada para o capital global e para a mais diversificada mistura de pessoas de todo o mundo” (SASSEN, 2004, p. 168)². Complexificações das relações

2. Todas as traduções dos originais em inglês são de minha autoria. No original, “has emerged as a partly denationalized platform for global capital and for the most diverse mix of people from all over the world” (SASSEN, 2004, p. 168).

transnacionais e o surgimento de formas de contestação dos modos tradicionais de exercício do poder pelos estados-nacionais ocorreriam a partir de várias instâncias, mas haveria, para Sassen, maior visibilidade e possibilidade de insurgência nas “cidades globais”, cerca de quarenta ao redor do globo. Nessas, a agência de sujeitos e a atuação de organizações supranacionais ocorreriam a partir de novas possibilidades de negociação, ainda que em parâmetros assimétricos. Tais cidades se constituiriam, cada vez mais, como locais de passagem ou de chegada preferenciais de turistas, expatriados, emigrantes e exilados, bem como outros tipos de deslocados internacionais.

Coetâneo a esse processo, o conceito de “cidade global”, ou congêneres, é empregado, reiteradamente, em estudos a partir de um leque transdisciplinar. Citem-se alguns. Em relação a “narrativas de deslocamento”, por exemplo, Carlos Vieira ressalta que “revelam que o espaço ficcionalizado pelos autores é a cidade-global que compartilha tanto a configuração do espaço cosmopolita quanto as mesmas formas de exclusão” (VIEIRA, 2014, s.p.). Em sentido equivalente, ao analisar narrativas de João Gilberto Noll, Marcos Brasileiro argumenta: “[as] novas realidades a que os personagens de Noll se depararam, geralmente em torno dos grandes centros urbanos,

provocam um abalo no quadro de referência do sujeito” (BRASILEIRO, 2010, p. 84-5). Outra estudiosa da literatura contemporânea, embora com foco na literatura em língua inglesa, Sandra Almeida também destaca os locais de chegada de deslocados, ao analisar, sobretudo, trânsitos por “cidades cosmopolitas” como Nova Iorque e Londres (ALMEIDA, 2015, p. 141-190). Silviano Santiago, em comentário aos deslocamentos de “cosmopolitas pobres”, ressalta um tipo de cidades para onde rumariam, majoritariamente, deslocados internacionais, ao considerar a “diáspora anárquica de indivíduos ou grupos de familiares – que não são necessariamente vítimas de preconceitos ou várias formas de perseguição – duma região pobre do país, ou duma nação conturbada, para as metrópoles mais endinheiradas do mundo ocidental” (SANTIAGO, 2016, p. 15).

O destaque aos trânsitos para esses tipos de cidade recorre em análises, a partir, muitas vezes, de teorizações a respeito de “cidades globais” (SASSEN, 2004), “cidades cosmopolitas” (ALMEIDA, 2015), “megalópoles globais” (PORTO, 2010), “metrópoles mundiais” (SAHR, 2007) e, ainda, cidades mundiais, supercidades, cidades alfa, centros mundiais. Cada uma dessas denominações vincula-se a particularidades teóricas, epistêmicas e transdisciplinares que correspondem a racionalidades, por vezes, divergentes.

Entretanto, em comum, remetem a centros econômicos, industriais, profissionais, culturais que desempenham papel relevante na globalização assimétrica contemporânea.

De modo correlato, a partir de múltiplos exemplos de estudos literários, haveria uma predominância de considerações quanto à figuração de trânsitos por personagens de países periféricos para Tóquio, Nova Iorque, Los Angeles, Londres, Paris, Berlim, Madri, Roma, São Paulo, Rio de Janeiro. Seriam tantos os trânsitos para tal tipo de cidades, sobretudo para nações da Europa ocidental, por sinal, que Verena Dolle (2018) enfatiza que, em adendo a um “sonho americano”, recorrente no século XX, se configuraria um “sonho europeu”, em narrativas brasileiras do século XXI. Entre inúmeros romances brasileiros, há deslocamentos incomensuráveis para: Berlim e Londres, em *Cinzas do Norte* (2005), ou Paris, em *A noite da espera* (2017), de Milton Hatoum; Berlim, em *Toda Terça* (2007), de Carola Saavedra; Londres, em *A maçã envenenada* (2013), de Michel Laub; Paris, em *Leite Derramado* (2009), e Berlim, em *O irmão alemão* (2014), de Chico Buarque; Nova Iorque e Estocolmo, em *Vidas Provisórias* (2013), de Edney Silvestre. Algumas das protagonistas desses romances viajam sem a pretensão de deixar definitivamente o Brasil, mas se realocizam no estrangeiro até, ao menos, o tempo da narração. Já

outras procuravam a expatriação, no entanto, bastante cedo, retornaram à nação de partida, muitas vezes por não alcançarem o pretendido sucesso na cidade global imaginada. Pareceria haver, então, uma preponderância de mobilidades para cidades globais.

Narrativas de Adriana Lisboa, ao figurarem trânsitos para cidades não-globais, à primeira vista, destoariam dessas narrativas de deslocamento. Contudo, Lisboa não está só, pois, curiosamente, não são apenas para cidades globais as mobilidades de personagens deslocadas em narrativas brasileiras contemporâneas. Há vários exemplos de personagens que rumam para cidades de menor porte, como, entre outras obras, em *Dois Irmãos* (2000), de Milton Hatoum; *Lorde* (2004) e *Berkeley in Bellagio* (2002), de João Gilberto Noll; *Mongólia* (2003), *O sol se põe em São Paulo* (2007) e *O filho da mãe* (2009), de Bernardo Carvalho; *Budapeste* (2003), de Chico Buarque; *A chave de casa* (2007) e *Dois Rios* (2011), de Tatiana Salem Levy; *Paisagem com dromedário* (2010), de Carola Saavedra; *Cordilheira* (2008), de Daniel Galera; *Deserto* (2013), de Luis Krausz. Deslocados que podem até vagar por cidades globais, mas transitam ou asilam-se, sobretudo, em cidades do interior, de pequeno ou médio porte. Desse modo, assim como em romances de Adriana Lisboa, muitos outros romancistas brasileiros figuram deslocados internacionais,

de vários tipos, a realocar-se, indefinidamente, em cidades não-globais.

DESLOCAMENTOS PARA CIDADES NÃO-GLOBAIS, EM ADRIANA LISBOA

No primeiro romance de Adriana Lisboa, *Os Fios da Memória* (LISBOA, 1999), Beatriz narra a história da “família Brasil”. A genealogia inicia com as peripécias de Eustáquio Miranda, em busca de fortuna, ainda em Portugal. Miranda, após casar-se com a herdeira Maria e arrastá-la para a ex-colônia portuguesa, aumentou a fortuna como cafeicultor, tornando-se um dos novos barões do Império. Nas margens da família formal e legal, sob o olhar enviesado e complacente da baronesa, inicia-se a “família Brasil”, com o nascimento de uma menina, em decorrência do estupro continuado da escrava africana “Joaquina” pelo barão cafeicultor. Assim, simbolizam-se a família e a nação Brasil constituindo-se com base na escravidão, violência e exploração. *Os Fios da Memória* desvia-se da rota hagiográfica, seguindo, então, atribulações dos descendentes de Joaquina, até o final do século XX. A família ascende socialmente ao longo de quase dois séculos, constituindo, inclusive, o “Bairro Brasil”, na cidade do Rio de Janeiro. O bairro era, de fato, uma rua sem saída ocupada quase exclusivamente por casarões dos membros da extensa família.

Ao final do século XX, embora a narradora Beatriz Brasil fincasse raízes em um dos casarões, do qual não mais sairia, a família se dispersa, com várias referências a primos, tios e pais partindo do bairro para São Paulo, Recife, Cozumel (um ponto turístico mexicano) e Israel. Os pais da narradora, além de a cada viagem, desde os anos 1960, “espichar-se no hemisfério sul” (LISBOA, 1999, p. 214), ao final da narrativa, que se passa no final dos anos 1990, após uma viagem ao Recife, “partiram direto para o México, era preciso voltar a viajar” (LISBOA, 1999, p. 216). Única remanescente da família a permanecer no Rio de Janeiro, a narradora se torna uma reclusa e isola-se para narrar a história familiar. O romance talvez pudesse ser uma alegoria da nação. Entretanto, em decorrência de inúmeros problemas e crises, em uma chave de dissolução de laços sociais e identitários.

Continuam e se ampliam, em *Sinfonia em Branco* (LISBOA, 2013a)³, as referências a mobilidades internacionais. Alude-se a trânsitos de uma das protagonista, Maria Inês, de seu marido João Miguel e de amigos, tias, primas e outros, enquanto viajantes, turistas e artistas internacionais, que flanam por Londres, Nova York, Paris. Contudo, curiosamente, muitos deslocam-se para cidades não-globais: os pais de Thomas exilados em Santiago do Chile; o *Vecchio Azzopardi* expatriado em uma vila na

3. A primeira edição foi publicada em 2001.

Toscana; Maria Inês e João Miguel turistas em Veneza e Florença, na Itália; entre outros trânsitos. Cada um destes exemplifica deslocamentos de passagem, principalmente, por cidades não-globais. Contudo, se apenas se fazem alusões a tais deslocamentos internacionais, há uma acurada figuração de outros, em uma relação dicotômica entre o Rio de Janeiro e Jaboticabais. Mesmo que associada ao trauma do abuso sexual incestuoso, à negligência da mãe e ao extermínio do pai, quanto mais a protagonista Clarice se afastava da pequena cidade, mais se descentrava. Situação que se agrava quando ela abandona o marido e parte de Jaboticabais, entrando em uma espiral que leva ao excesso de uso de drogas na periferia do Rio de Janeiro. Ainda mais traumatizada, seu retorno à cidade natal marca reencontros. Outro retorno à cidade interiorana, ainda que provisório, da cosmopolita Maria Inês, também, em certo sentido, ocasiona o recentramento subjetivo, após crises afetivas e profissionais vivenciadas no Rio de Janeiro.

Já em *Um beijo de Colombina* (LISBOA, 2003), o narrador referencia apenas uma viagem internacional. Anos antes de conhecer o narrador, sua companheira Teresa viajara para fora do Brasil, com uma ex-namorada, também de nome Teresa. Esta

[...] tinha uma filha que morava na Tailândia. [...]

A gente costuma ouvir dizer que as pessoas foram morar nos Estados Unidos, na Inglaterra, em Portugal, mas nunca conheci ninguém que tivesse ido morar na Tailândia.

Pois é, mas lá é tão bonito, eu e Teresa fomos visitar a filha dela faz dois anos (LISBOA, 2003, p. 20).

Alguns anos depois, o narrador e Teresa transitam entre o Rio de Janeiro e Mangaratiba. Nas idas à cidade praieira, o professor de latim e a escritora buscavam um lugar aprazível, para amenizar as agruras da vida atribulada no Rio de Janeiro. Entretanto, Mangaratiba se constitui como lugar de dor e angústia, pois Tereza desaparece, após sair para um banho de mar. A pequena cidade litorânea, associada à paz e ao conforto, torna-se, por algum tempo, um lugar de descentramento. Embora, ao final da narrativa, com o surpreendente retorno de Teresa, reconfigure-se como um lugar de recentramento e reencontro do narrador-protagonista.

Embora apenas com alusões e referências, sem a representação aprofundada de experiências vividas em terras estrangeiras, em *Os Fios da Memória*, *Sinfonia em Branco* e *Um beijo de Colombina*, rápidos “flashes” referenciam

deslocamentos internacionais, *en passant*, a maioria deles para cidades não-globais. Embora haja múltiplas menções a deslocamentos para cidades globais e pontos turísticos internacionais, nesses três romances o modo de escapar da turbulência do Rio de Janeiro, de deslocamentos sociais, afetivos, subjetivos e simbólicos, seria, preponderantemente, a mobilidade para vilas, cidades interioranas ou litorâneas de pequeno porte no Brasil. Dessa forma, a figuração de trânsitos para o interior do Brasil surge como um aspecto principal, nos processos de recentramentos e realocações das personagens em crise.

Em romances posteriores de Lisboa, esses deslocamentos para cidades interioranas brasileiras ainda acontecem, mas como aspecto secundário. Isto é, há uma inversão, pois a busca por um lugar de realocação será, predominantemente, a cidade estrangeira. Ressalte-se, contudo, que permanece a representação em contraponto entre as cidades globais e não-globais, dentro e fora do Brasil. Em *Rakushisha* (LISBOA, 2014a)⁴, nos trânsitos pelo Japão, Haruki e Celina ficaram algum tempo juntos em Quioto. No entanto, quando se apartam, há contraposições significativas entre Quioto e Tóquio. Na primeira, antiga capital do império, cidade moderna e, simultaneamente, tradicional, com em torno de 1,5 milhão de habitantes, em 2019, Celina encontra uma cidade relativamente

acolhedora, inclusive para viajantes insólitos como ela, em que se recebe visitantes com sorrisos e palavras de afeto, em passeios por centenários museus, bibliotecas e templos. Já em Tóquio, cidade global hipermoderna, com, em 2019, cerca de 9,2 milhões de habitantes (e aproximadamente 37 milhões na área metropolitana)⁵, Haruki vive em movimento frenético, com relações sociais mínimas, apenas as protocolares, a exemplo dos contatos previamente agendados por seu editor brasileiro. Um aspecto sinestésico salienta o contraste: os ruídos dissonantes de Tóquio, cidade cosmopolita, global e barulhenta, em contraponto aos sons harmoniosos associados à cidade de Quioto, com sinos cadenciados e chuva amena. Além da leitura dos haicais e do diário de Bashô, bem como da escrita de seu próprio diário de viagem, talvez sejam a harmonia, a hospitalidade e a amenidade vivenciadas em Quioto que levam Celina a conseguir se realocar, ao ter momentos de calma e distanciamento, para relembrar sua vida, revelar traumas e rever prioridades.

Além de Tóquio, de certa forma, Quioto também é contraposta, de modo subjacente, ao Rio de Janeiro, onde tanto Celina quanto Haruki viviam suas vidas deslocadas, precárias e instáveis. Uma cidade violenta, caótica e, também, barulhenta, em que, no caos urbano, Alice, filha de Celina, morreu em um acidente de trânsito. Desse

4. A primeira edição foi publicada em 2007.

5. Dados disponíveis em: <http://worldpopulationreview.com/world-cities/>, acesso em 19/10/2019.

modo, andar, e principalmente, pedalar pelas ruas da cidade milenar japonesa emerge como uma metáfora que expressa a diferença entre as duas cidades. Destaque-se que, na infância, enquanto vivia na conturbada Rio de Janeiro, Alice só pedalava em parques ou no interior, quando viajavam para a casa dos pais de Marcos, ex-marido de Celina. Anos depois, Celina flana pelas ruas de Quioto e vaga por caminhos que levam aos templos, museus e para a “Rakushisha”, a cabana dos caquis caídos. Isso posto, de vários modos, há uma produtiva dicotomia: insegurança, descentramentos, barulhos e morte nas ruas do Rio de Janeiro; instabilidade, solidão e velocidade frenética e dissonância, em Tóquio; uma certa segurança, sons amenos, realocização e recentramento, em Quioto.

Em *Azul corvo* (LISBOA, 2014b)⁶, entre uma miríade de trânsitos internacionais, narram-se, detalhadamente, os da protagonista. Nascida em Albuquerque, no Novo México, Vanja viveu dos dois aos treze no Rio de Janeiro. Depois da morte de sua mãe, Suzana, retorna aos EUA, em busca de Daniel, seu desconhecido pai biológico. Nos EUA, reside com o brasileiro Fernando⁷, em Lakewood, no subúrbio de Denver, Colorado. Ao longo do romance, Vanja narra histórias de múltiplos trânsitos. Com ênfase na vida deslocada em Lakewood e em uma viagem pelo interior dos EUA, na qual busca seu pai, ao lado

de Fernando e do salvadorenho Carlos. Então, a jovem descobre que Daniel mudara-se para Abidjan, na Costa do Marfim. A partir daí, até o tempo da narração, a mexicana-brasileira-marfinense-estadunidense reside em Lakewood, trabalha em Denver e viaja para Abidjan para conhecer seu pai, madrasta e meios-irmãos, bem como para o Rio de Janeiro para rever amigas e sua tia Eliza.

De modo dessemelhante, Fernando vive deslocado, de modo marginal e subalterno, em termos subjetivos e espaciais, de subversividade, exílio e emigração. No Brasil, viveu em Goiás, Brasília, interior da Bahia e Araguaia. No início dos anos 1970, quando desertou da resistência ao regime ditatorial militar, exilou-se por alguns anos em Londres, uma das principais cidades globais. Tempos depois, emigrou para os Estados Unidos, residindo, sucessivamente, em Albuquerque, no Novo México, Aurora e Lakewood, no Colorado. Também Carlos e sua família salvadorenha *sin papeles* realocalizaram-se em cidades de pequeno porte. Ele em Lakewood, onde permaneceu, mesmo quando seus pais mudaram-se para Tallahassee, para viver próximos de Dolores – irmã mais velha de Carlos. Tallahassee, embora seja a capital da Flórida, tinha menos de 200 mil habitantes em 2019. Já o avô materno de Vanja, Abner, que se expatriou nos anos 1970, em uma vida deslocada passou décadas no

6. A primeira edição foi publicada em 2010.

7. Nos anos 1980, Fernando casou-se com Suzana e, mesmo já separados, registrou Vanja como sua filha.

interior dos EUA, falecendo depois de ser picado por uma cobra cascavel, em região agreste do Texas. Mesmo a poliglota Suzana, com todos os seus trânsitos nos EUA e no Brasil, nos Estados Unidos se deslocaria por cidades de porte médio. Em Albuquerque, construiu relações de pertencimento e afeto com outras deslocadas como: June, zuni-estadunidense-britânica; Isabel, porto-riquenha-estadunidense; Daniel, mexicano-estadunidense-marfinense. Há, ainda, outros deslocados pelo interior: o cunhado de Carlos, descendente de irlandeses; o avô paterno de Vanja, mexicano residente no Novo México e na Costa do Marfim; além de personagens híbridas e hifenizadas, descendentes de deslocados, colegas de escola de Vanja, em Lakewood, como Leslie Yang, Jessica Martinez, Betty Tajul-Amar, Aditi Ramagiri. Estes seriam mais algumas personagens deslocadas a residir em cidades não-globais.

E, assim, em *Azul corvo*, dezenas de personagens se estabeleceram em cidades no interior, sobretudo em Lakewood, localizada em um estado simbolizado por um dos principais ícones da “América Profunda”, as Montanhas Rochosas – lugar simbólico de estabilidade e de segurança, que, por isso, tanta ojeriza e repulsa trazia ao estadunidense Nick e tanto atraía o resplendor do salvadorinho Carlos. Nesse sentido, em suma, em *Azul corvo*, em meio a trânsitos internacionais, ocorre uma busca

por realocações: Fernando, ao se fixar em Lakewood, depois de exilar-se em Londres e migrar para os EUA; Abner, que estabeleceu residência no Texas; Suzana, depois de viver em trânsito nos EUA e retornar ao Brasil; Carlos, que sonhava em se tornar um “nativo” do Colorado; os pais de Carlos que, após os primeiros anos no Colorado, mudaram-se para a Flórida; e a própria Vanja, mesmo que a atravessasse inúmeras fronteiras (físicas e culturais), eventualmente, estabeleceu sua residência em Lakewood.

Ao refletir sobre uma visita ao Rio de Janeiro, Vanja constata: “a cidade era a mesma e não” (LISBOA, 2014b, p. 291). O contraponto entre o Brasil e os Estados Unidos, ou, melhor especificar, entre o Rio de Janeiro e Lakewood é constante: “li que o estado inteiro do Colorado tinha menos gente do que a cidade do Rio de Janeiro” (LISBOA, 2014b, p. 31-32). Há uma série de elementos pitorescos e diferenciais entre as cidades e as culturas. Por exemplo, em relação à vida pacata em Lakewood, Vanja aborda a violência que seria um aspecto estrutural que atingiria, sobretudo, a população residente em cidades globais brasileiras: Rio e São Paulo. Um violência tão disseminada que, inclusive, se tornaria uma das mais fortes razões para que brasileiros emigrantes permanecessem nos EUA. Ressalta a narradora:

Conheci imigrantes brasileiros que tentavam esquecer que eram brasileiros. Arranjavam parceiros americanos, filhos americanos, empregos americanos, guardavam a língua portuguesa dentro da garganta num lugar de difícil acesso e só se orgulhavam de suas origens quando alguém mencionava de modo elogioso o samba ou a capoeira (essa última também, na origem, a luta dos deslocados, dos expatriados, dos arrancados de casa). Ou o *Brazilian jiu-jitsu* dos irmãos Gracie. Fora isso, o Brasil era um lixo. E aliás estava cada vez pior. Cada vez pior. (Vocês não leem as notícias? Viram o que o tráfico fez lá em São Paulo?) (LISBOA, 2014b, p. 95, grifos da autora).

Ao lado de elementos culturais que seriam fatores de valorização da cultura brasileira em terra estrangeira, a violência urbana emergia como chaga social que, inclusive, se constituía como argumento para o não-retorno dos emigrantes. Assim, justificava-se, até mesmo, a permanência fora da nação partida, por medo de que não houvesse condições mínimas para sobrevivência nas ruas das cidades globais brasileiras.

Além de aspectos culturais, há outros menos negativos em relação à vida pregressa no Brasil. No tempo da narração, quase dez anos após deslocar-se para os Estados Unidos, Vanja relembra sua infância no Brasil, ao lado de Suzana, e enfatiza o lazer na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, e as férias em uma outra cidade litorânea:

“Nas longas férias de verão, viajávamos sempre para a Barra do Jucu, no Espírito Santo, onde minha mãe tinha amigos” (LISBOA, 2014b, p. 43). Em meio à narração de aventuras e desventuras no processo de realocização em Lakewood, há vislumbres de momentos de felicidade, brincadeira e diversão, de passear pelas praias, de viajar horas ouvindo Janis Joplin e conversando, bem como ver a mãe divertir-se com amigos.

Há, também, embora com menor intensidade e variedade, contraposições entre cidades globais e não-globais em *Hanói* (LISBOA, 2013b). Após descobrir ter uma doença terminal, um dos protagonistas, o brasileiro-mexicano-estadunidense David planeja abandonar Chicago, onde vivia solitário, desconectado de relações interpessoais significativas. Primeiro considera, até mesmo, ir para uma cidade que não visitara até então, Capitão Andrade, no interior de Minas Gerais, de onde seu pai emigrara décadas antes. Depois de conhecer a vietnamita-estadunidense Alex, sonha em ir passar seus últimos dias em Hanói, no Vietnã. Naquilo que Alex ironizará como uma busca por um idealizado “cemitério de elefantes”. Outras personagens que buscam sair da cidade global são a mãe e a avó de Alex – as refugiadas Huong e Linh. Após décadas residindo em Chicago, as duas deixam a cidade para se “aventurar” em uma cidade do interior. O motivo,

de acordo com Alex, era que “elas ficavam confusas na cidade grande, com o ritmo, com o barulho, com a falta de espaço, e nem duas décadas as haviam amolecido nesse sentido” (LISBOA, 2013b, p. 16). A justificativa, por fim, era que não se adaptaram à velocidade e aos ruídos da cidade. No romance, há várias representações de experiências de alienação e deslocamento das personagens, devido à falta de conexões sociais de Linh e Huong, que praticamente não estabeleceram relações fora do pequeno círculo familiar. Quando se deslocam para o interior: “Huong arranjou emprego no centro recreativo da cidadezinha de quinze mil habitantes, onde ganhava oito dólares por hora. Entre todas as coisas possíveis, prováveis e improváveis, sua nova vizinha era viúva de um veterano da guerra do Vietnã (a Guerra Americana)” (LISBOA, 2013b, p. 17). Embora com um salário muito baixo, pelos padrões estadunidenses, na nova cidade, Huong constrói relações de afeto e amizade. A exemplo desse com a “viúva” que, até mesmo, tomará conta da casa de Linh e Huong, quando elas voltam a Chicago provisoriamente. Retornam para ajudar Trung – patrão de Alex e amigo da família – a recuperar-se de um ataque cardíaco, após décadas de trabalho incessante. Quando segue as amigas vietnamitas e se estabelece na “cidadezinha de quinze mil habitantes”, o ex-refugiado vietnamita também será recebido com afeto e hospitalidade.

Já em *Todos os santos* (LISBOA, 2019), a narradora Vanessa contrapõe, por exemplo, o Rio de Janeiro a algumas regiões interioranas do Brasil, como o sítio dos avós maternos, não muito longe de Recife, e a zona rural onde viviam os avós paternos. Estes avós, estabelecidos “no interior do estado [...] nunca, nunca vinham até o Rio de Janeiro: era outro mundo e não lhes interessava” (LISBOA, 2019, p. 29). Além disso, Vanessa e seu companheiro André, nascidos no Rio de Janeiro, depois de graduarem-se em Vitória de Santo Antão, no interior de Pernambuco, trabalham como biólogos em uma pesquisa transnacional a respeito, simbolicamente, de aves migratórias. Isso na Nova Zelândia, “do outro lado do mundo, no fim do mundo (ou no começo?)” (LISBOA, 2019, p. 25), na cidade de Palmerston North, ou Palmy, uma “pequena cidade perdida entre as montanhas” (LISBOA, 2019, p. 121). A sinestesia perpassa a narrativa: visão, olfato, paladar, tato e audição. Novamente, os ruídos urbanos simbolizam uma certa dicotomia entre a cidade global e a de menor porte. No Rio de Janeiro, nos “prédios de muitos apartamentos [...] ouvíamos a música dos outros, o sexo dos outros, as brigas dos outros” (LISBOA, 2019, p. 23). Uma quase inevitável exposição da intimidade em uma cidade superpovoada. Além disso, fulgurava “a cidade lá fora com sua música de sempre, buzina, freada de ônibus, sirenes se aproximando e se afastando, o samba-enredo

da escola campeã daquele carnaval tocando em algum lugar, rumor da vida que nunca descansava” (LISBOA, 2019, p. 48). Já em “Palmy”, na conversa entre André e Vanessa, emerge o contraponto:

Já reparou como é quieto, aqui, Vanessa? [...] Às vezes eu me pego quase sussurrando. Meio sem feito de falar em voz alta. [...]

Era a nossa primeira experiência nesse lugar. Íamos ao supermercado e falávamos baixo. Íamos ao café ao lado da biblioteca e falávamos baixo. Fazíamos amor à tarde e tapávamos a boca com o travesseiro. Ligávamos o rádio de manhã e tínhamos medo de incomodar a vizinha (LISBOA, 2019, p. 48).

Dissonância entre os ruídos estridentes e os silêncios potentes. Essas passagens, entre outras, expõem marcas da diferença cultural e entre as cidades.

Ressalve-se que essa e outras situações remetem a uma incerta opressividade latente e restrições à liberdade, em um contexto de relativa segurança⁸. Há, ainda, desastres climáticos que tornam sombrio o lugar aparentemente ameno, como “uma semana de enchentes históricas, ventos de cento e cinquenta quilômetros por hora, cabos elétricos estalando e se rompendo, árvores destrachadas,

rodovias fechadas (LISBOA, 2019, p. 69). Bem como, em alguns momentos, inclusive, divergências entre a idealização da narradora quanto ao “recanto escondido e protegido” e a perspectiva mais crítica de seu companheiro André:

Olhe ao redor, Vanessa. Nova Zelândia, o maior índice de suicídio na adolescência entre os países desenvolvidos, por causa da pobreza, da violência doméstica, da intimidação na escola (dizem que a cultura do rúgbi e seu ideal de macheza truculenta não ajudam). É só que nós dois ocupamos uma zona segura aqui (LISBOA, 2019, p. 41).

Contudo, apesar desses problemas e da breve contestação, predomina uma figuração que, na maioria das vezes, simboliza o local de chegada como um *locus amoenus*, em que a narradora busca encontrar uma vida simples e harmônica, quase árcade, distante de ameaças, traumas e angústias e da “brutalidade do mundo ao nosso redor” (LISBOA, 2019, p. 83). A experiência idílica não resistirá por muito tempo. Não devido a problemas no refúgio neozelandês, em que “os olhos descansavam, os ouvidos descansavam” (LISBOA, 2019, p. 64), mas em decorrência de uma crise afetiva decorrente da volta de memórias traumáticas da infância no Rio de Janeiro, que

8. A passagem permitiria explorar uma série de questões relativas a processos de ressubjetivação nos processos de adaptação e assimilação ao local de chegada estrangeiro. A respeito, vale conferir RESENDE (2020).

retornam para assombrar Vanessa e fazem ruir o longo relacionamento com André.

Assim, nesses romances, entre outros, Adriana Lisboa revisita diversos temas recorrentes: trânsitos internacionais, busca de um lugar de realocização fora da nação de partida; a dissonância e os ruídos estridentes na cidade global, em contraste à calma e aos sons predominantemente harmoniosos em cidades não-globais. Nessa perspectiva, Lisboa contrapõe reiteradamente cidades de grande porte com aquelas do interior, no Brasil e fora. As cidades não-globais não deixam de ter apontados problemas, mas que surgem menos dramáticos do que aqueles vivenciados em cidades globais. Em resumo, nos romances publicados antes de *Rakushisha*, Adriana Lisboa representa personagens deslocadas saindo da cidade global para cidades não-globais do interior ou do litoral brasileiro, com diversas referências a personagens movendo-se fora da nação, que se deslocam, muitas vezes, por cidades globais como Londres e Nova Iorque, além de diversos pontos turísticos internacionais como: os pais da narradora de *Os Fios da Memória*, em Cozumel, no México; o *Vecchio Azzopardi*, de *Sinfonia em Branco*, em uma vila na Toscana, na Itália; a filha da ex-namorada de Teresa, de *Um beijo de Colombina*, na Tailândia. Já a partir de *Rakushisha*, mesmo que as personagens tenham

transitado ou residido, por algum tempo, em cidades globais, há referências a personagens movendo-se para cidades do interior do Brasil, mas predominam figurações de experiências complexas de realocizações fora da nação (de) partida, majoritariamente, em cidades periféricas, suburbanas, litorâneas de pequeno ou médio porte. Nesse sentido, embora inseridas no circuito assimétrico da globalização e do sistema mundial capitalista, essas cidades não-globais são configuradas enquanto lugares que talvez proporcionassem condições mínimas para a hospitalidade, solidariedade, (re)construção de redes de afetos e de relações de pertencimento, em contraponto a cidades globais, repetidamente correlacionadas a ruídos estridentes, desconexões sociais, identidades fragmentadas e subjetividades cindidas.

SUBJETIVIDADES EM PROCESSOS DE DESLOCAMENTOS E DE RELOCALIZAÇÕES

Muitos estudos a respeito da literatura contemporânea enfatizam como personagens que se expatriam, migram ou exilam-se experimentam vidas deslocadas também nos locais de chegada, principalmente em cidades globais. Citem-se, por exemplo, as leituras de Sandra Almeida, em *Cartografias Contemporâneas* (2015), e a tese de Carine Marques, *Narrativas de Deslocamento no Espaço e Tempo* (2017)⁹. Marques analisa textos de escritoras

9. No original: *Narratives of Displacement in Space and Time*.

provenientes de quatro diásporas distintas – Bangladesh, Síria, Índia e Nigéria – e focaliza, predominantemente, os conflitos relacionados ao modo como “[a] maioria dos sujeitos retratados nos romances se sente deslocada e alienada no país anfitrião” (MARQUES, 2017, p. 167)¹⁰. Isto é, ressalta experiências de alienação, instabilidade e deslocamento das personagens no local de chegada escolhido, no caso, preponderantemente, “cidades cosmopolitas” (ALMEIDA, 2018).

Stuart Hall (2003) sugere caminhos para entender a cisão do sujeito e a fragmentação das identidades culturais em consonância com a globalização contemporânea. Ele analisa o processo de crise do sujeito pós-moderno, ao enfatizar como novas identidades culturais são percebidas e relacionadas aos planos da história, da política, da hibridação, da representação e da diferença. Tal concepção de sujeito cindido se associaria a noções de identidades fragmentadas na modernidade tardia, implicando em um processo relacional e dialógico, em “um espectro sem começo nem fim” (HALL, 2003, p. 33). Essas construções dos sujeitos e os processos correlatos de hibridação das identidades culturais seriam problematizados pelos descentramentos em relação ao mundo social e cultural e às estruturas tradicionais de referência, como nações, comunidades e famílias.

Em meio a tal processo disjuntivo, há uma infinidade de trabalhos críticos que analisam produções literárias que representariam as condições deslocadas de sujeitos contemporâneos. Na argumentação acerca das “Circulações urbanas”, Maria Bernardette Porto registra que vivemos “[u]ma época em que a consciência do trânsito e da transitoriedade está presente em nossas reflexões sobre o mundo” (PORTO, 2010, p. 82). As leituras de Porto expressam uma perspectiva hegemônica nos estudos literários, ao enfatizarem os trânsitos de personagens deslocados movendo pelas “megalópoles globais”. Cada uma dessas seria “uma cidade caótica e fragmentada [...], uma cidade estilhaçada que não sabe sequer juntar seus cacos” (PORTO, 2010, p. 81) ou, ainda, “metonímia de um país encajado em seus problemas” (PORTO, 2010, p. 82). Embora destaque trânsitos por “megalópoles globais”, as reflexões de Porto, lidas a contrapelo, auxiliam a compreender por que tantas personagens, ao evadirem-se de nações descentradas, deslocam-se para cidades não-globais. Na maioria dos casos, nos romances de Adriana Lisboa, figuram subjetividades em crise que deixam suas nações devido a crises econômicas e falta de perspectivas, instabilidades de ordem política e social ou conflitos afetivos variados. Nesse caso, seria coerente não se deslocarem para cidades-globais ou saírem delas, pois estas se encontram associadas a níveis intensos de

10. No original: “Most subjects portrayed in the novels feel dislocated and alienated in the host country” (MARQUES, 2017, p. 167)

desconexão social, isolamento individual e fragmentações de experiências.

Vale lembrar um aspecto enfatizado por Zygmunt Bauman, em *Modernidade Líquida*: “uma nova e numericamente reduzida elite dos residentes do ciberespaço [...] prospera na incerteza e na instabilidade” (BAUMAN, 2001, p. 178). Enquanto essa “elite” teria cada vez mais mobilidade e prosperidade, Bauman destaca que ocorreria uma “busca de assentamento” por parte de migrantes pobres:

As pessoas continuam a ser menos voláteis do que os ciclos de explosão e depressão econômica, e a história dos ciclos passados deixou atrás de si uma longa trilha de imigrantes em busca de assentamento. Mesmo que quisessem embarcar em outra jornada e partir, as mesmas contradições políticas que acabaram trazendo os imigrantes “para dentro” os impediriam de agir (BAUMAN, 2003, p. 93-94)

Essa “busca por assentamento”, quer seja por vontade própria, quer seja por constrições econômicas ou geopolíticas, ocorreu em diferentes momentos históricos, mas seria observada, sobretudo, na era atual. Trata-se de uma época em que há uma expansão gigantesca do número absoluto de deslocados ao redor do mundo, como vimos

anteriormente. Bauman expressa tal “busca” no subtítulo do livro *Comunidade*: “busca por segurança no mundo atual” (2003).

A propósito, salienta Wolf-Dietrich Sahr, ao considerar “A “construção do lugar por migrantes”¹¹:

Para o migrante, o antigo sistema de referência cultural era geralmente dependente de práticas cotidianas de longa data, relações sociais confiáveis, valores morais aceitos de modo geral, estruturas linguísticas conhecidas, elementos estéticos familiares e competência artística e técnica comuns¹² (SAHR, 2007, p. 323).

Especificamente nas narrativas de deslocamentos e re-localizações, de Adriana Lisboa, as perdas de “referências estáveis” por sujeitos descentrados parecem ter como contraponto à busca por segurança e estabilidade. Nesse sentido, as cidades não-globais, “destinos” preferenciais das personagens deslocadas lisboanas, poderiam ser mais adequadas a um processo de relocalização e (re) constituição de relações afetivas, de práticas cotidianas e de valores compartilhados.

No que diz respeito a tal procura por estabilidade e segurança, em *American Road Narratives*, Anne Brigham

11. Título original, em inglês, “The construction of a migrant’s place” (SAHR, 2007)

12. “For the migrant, the old cultural reference system was usually dependent on long time everyday practices, reliable social relations, generally accepted moral values, known language structures, familiar esthetic elements, and common artistic and technical competence” (SAHR, 2007, p.323).

relembra as seguintes palavras de Suzanne Cook: “Um interesse crescente em experiências de viagem que fornecem conexões – conexões com a família, conexões com o ambiente natural e conexão com a própria América” (COOK, 2002, apud BRIGHAM, 2015, p. 2)¹³. Mesmo que não analise deslocados internacionais, mas trânsitos no interior dos Estados Unidos, haveria uma busca de conexão por sujeitos traumatizados com as recorrentes crises contemporâneas. Sobretudo no pós-11/9, segundo Cook, ampliou-se significativamente o número de estadunidenses a empreender viagens para monumentos e parques nacionais, que simbolizariam certezas, solidez e segurança. Dessa forma, em contextos de crise, contrapondo-se à desconexão e instabilidade características da contemporaneidade, talvez seja razoável considerar que muitos sujeitos deslocados, sobretudo cosmopolitas pobres, procurariam referências mais estáveis de pertencimento, almejando encontrá-las não nas caóticas, disruptivas e disjunturais cidades globais, mas talvez em menos problemáticas, mesmo que globalizadas, cidades não-globais.

Enfim, esse foco em uma “busca de assentamento” (BAUMAN, 2003) ou “na construção do lugar” (SAHR, 2007) ou em “conexões” (COOK, 2002 apud BRIGHAM, 2015) talvez pareça um pouco destoante do que se considera amplamente nos estudos literários contemporâneos

que lidam com narrativas de deslocamento. Estudos que focalizam, sobretudo, movimentos, locomoções, migrações, mobilidades, deslocamentos e desterritorializações que pareceriam sem fim nas cidades globais ou congêneres. Contudo, haveria tanto em discussões teóricas na crítica cultural e nos estudos literários quanto em representações literárias, como de Adriana Lisboa, a discussão acerca da configuração de uma busca por segurança e estabilidade relativa por parte dos deslocados. Assim, em meio a uma relação ambígua de amor e ódio de deslocados com relação a nações (de) partidas, haveria uma busca de re-localização nos locais estrangeiros de chegada, mesmo que com muitos constrangimentos. Enquanto os primeiros locais são muitas vezes associados a sofrimentos, dores e traumas, os segundos emergiriam como “terras de oportunidades”, lugares que prometeriam encontro e realização, embora essas “oportunidades” poucas vezes se realizem e, recorrentemente, pareçam miragens que evanescem.

Na série literária brasileira, romances da vertente das narrativas de deslocamento, sem dúvida, extensivamente, vem referenciando trânsitos por cidades globais, muitas vezes antigos centros dos velhos e novos impérios. Constantemente, referenciaram-se trânsitos fora do Brasil, a exemplo, em menor grau, de romances como *Lucíola*, de

13. No original: “A growing interest in travel experiences that provide connections – connections to family, connections to the natural environment and connection to America itself” (COOK, 2002, apud BRIGHAM, 2015, p. 2).

José de Alencar, *O mulato*, de Aluísio de Azevedo, *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, *Memórias sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade. De certo modo, tal aspecto também emerge em análises das narrativas contemporâneas da vertente em tela, pois, predominantemente, os deslocamentos analisados são aqueles rumo a cidades globais e cosmopolitas, em viagens a turismo ou trabalho, procura por formação intelectual, educacional e/ou cultural, por cosmopolitas ricos e de classe média, como exemplificado anteriormente. Já deslocamentos para cidades do interior no estrangeiro surgiam, sobremaneira, para adicionar uma cor local, em certo contraponto entre periferia e metrópoles, ou, inclusive, a reprodução da antiga dicotomia campo versus cidade. Adriana Lisboa, por sinal, em alguns de seus romances, sobretudo os primeiros, não destoava dessa tradição, aludindo a deslocamentos para Londres, Milão, Nova York, Paris, bem como a pontos turísticos como Cozumel, Toscana e Tailândia.

Contudo, várias narrativas de deslocamentos e realocações, na literatura brasileira contemporânea (NOLL, 2002, 2004; BUARQUE, 2003; CARVALHO, 2003, 2007, 2009; SAAVEDRA, 2007; SILVESTRE, 2013; LAUB, 2013; RUFFATO, 2014; etc), destoam desse modo de representação, não mais apenas referenciando cosmopolitas ricos, enquanto viajantes, turistas, estudantes internacionais e

expatriados, mas figurando preponderantemente cosmopolitas pobres, tal qual imigrantes, exilados e refugiados, que rumam para outros tipos de destinos, vivenciando deslocamentos de mais longo prazo e processos complexos de realocação no lugar de chegada. Além disso, no geral, não apenas se referenciam tais deslocamentos, mas se figuram experiências cotidianas de vida em cidades de pequeno e médio porte no interior da Argentina, Uruguai, Cuba, Porto Rico, Estados Unidos, Canadá, Suécia, Córsega, Hungria, Turquia, Israel, Líbano, Vietnã, Timor Leste, Nova Zelândia, Mongólia, Japão, Rússia.

Em Adriana Lisboa, tal processo ganha amplitude e personagens deslocadas buscam construir um lugar em cidades não-globais. Embora, por vezes, de um modo aparentemente dicotômico, no contraponto às cidades globais – locais relacionados ao caos e à violência urbana, à insegurança existencial, à fragmentação de experiências, à desconexão social e ao isolamento individual – personagens lisboanas, em grande número, se realocizam em cidades não-globais, como lugares de chegada preferenciais, à procura de (re)atar ou (re)construir relações afetivas mais estáveis, estabelecer redes de solidariedade e constituir laços sociais mais duradouros, compartilhar valores e ideais, (re)constituindo famílias, mesmo que heterodoxas. Entretanto, ressalte-se, quer seja nas cidades

globais, quer seja nas cidades não-globais, percalços nos processos de integração social e adaptação cultural complexificam essa busca problemática por segurança, estabilidade e recentramento fora da nação (de) partida, já que essas relações comunitárias e sociais mais estáveis demandariam uma série de silenciamentos e neutralizações de aspectos subjetivos, culturais e identitários.

Talvez, diferentemente do que considera Maria Bernardette Porto, nem todos aqueles deslocados nas megalópoles globais, “destituídos de referências estáveis [queiram] se reelaborar sem cessar” (PORTO, 2010, p. 82). Talvez, em relação ao “abalo no quadro de referência do sujeito”, que Marcos Brasileiro (2014, p. 84-5) identifica na representação de certas subjetividades em deslocamento nos “grandes centros urbanos”, algumas personagens deslocadas queiram se realocar e reestabelecer, para o bem e para o mal, quadros de referências.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sandra. **Cartografias Contemporâneas**: espaço, corpo, escrita. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.
- APPADURAI, Arjun. **Modernity at Large**: Cultural Dimensions of Globalization. Minneapolis and London: University of Minnesota Press, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BRASILEIRO, Marcos. **Deslocamento e Subjetividade em João Gilberto Noll, Silvano Santiago e Bernardo Carvalho**. Orientadores: Ana Paula Ferreira and Fernando Arenas. 2010. 243 p. Dissertation (Doctor in Philosophy). Faculty of Graduate School of the Minnesota University, Minesota, 2010. Disponível em: <https://conservancy.umn.edu/bitstream/handle/11299/95906/Brasileiro_umn_0130E_11303.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 05 set. 2020.
- BRIGHAM, Ann. Introduction. In: **American Road Narratives: Reimagining Mobility in Literature and Film**. Virginia: University of Virginia Press, 2015, p. 1-18.
- BUARQUE, Chico. **Budapeste**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- BUARQUE, Chico. **Leite Derramado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BUARQUE, Chico. **O irmão Alemão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014

CARVALHO, Bernardo. **Mongólia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CARVALHO, Bernardo. **O sol se põe em São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARVALHO, Bernardo. **O filho da mãe**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

CURY, Maria Zilda. Mobilidades literárias: migração e trabalho. In: **Ipotesi** – Revista de Estudos Literários, v. 16, n. 1, p. 11-20, 2012. Disponível em: <http://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/25737>. Acesso: 04 jul. 2019

DOLLE, Verena. Do 'sonho americano' ao 'sonho europeu': o romance de emigração Estive em Lisboa e lembrei de você (2009), de Luiz Ruffato. In: **Literatura e Sociedade**, v. 23, n. 28, p. 298-316, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/l/article/view/152450>>. Acesso em: 10 abril. 2021.

GALERA, Daniel. **Cordilheira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2003a.

HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HATOUM, Milton. **Cinzas do Norte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HATOUM, Milton. **A noite da espera**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

KRAUSZ, Luis. S. **Deserto**. São Paulo: Benvirá, 2013.

LAUB, Michel. **A maçã envenenada**. São Paulo: Companhia as Letras, 2013.

LEVY, Tatiana Salem. **A chave de casa**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

LEVY, Tatiana Salem. **Dois Rios**. Rio de Janeiro: Record, 2011

LISBOA, Adriana. **Os fios da memória**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISBOA, Adriana. **Um beijo de colombina**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

LISBOA, Adriana. **Sinfonia em Branco**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2013a.

LISBOA, Adriana. **Hanói**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2013b.

LISBOA, Adriana. **Rakushisha**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2014a.

LISBOA, Adriana. **Azul corvo**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2014b.

LISBOA, Adriana. **Todos os santos**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.

MARQUES, Carine Pereira. **Narratives Of Displacement In Space And Time**: A study of Brick Lane, The Girl in the Tangerine Scarf, The Lowland and Americanah. Orientadora: Sandra Regina Goulart Almeida. 2017, p. 189. Tese de Doutorado: Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários: FALE – UFMG.: Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-AQCJA8>>. Acesso em: 08 jul. 2019.

NOLL, João Gilberto. **Berkeley em Bellagio**. São Paulo: Objetiva, 2002.

NOLL, João Gilberto. **Lorde**. São Paulo: Francis, 2004.

PAMPLONA, Isadora. Quantos brasileiros vivem fora do país? In: **DW Brasil**, 22.06.2018. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/quantos-brasileiros-vivem-fora-do-pa%C3%ADs/a-44338466>>. Acesso em: 15 mar. 2019

PIRES, Maria Isabel Edom. Em viagem: sobre outras paisagens e movimentos no romance contemporâneo. In: **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 44, p. 389-403, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/elbc/n44/a19n44.pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2020.

PORTO, Maria Bernardette. Circulações urbanas. In: BERND, Zilá. **Dicionário das mobilidades culturais**: percursos formativos. Porto Alegre: Literalis, 2010, p. 67-86.

RESENDE, Vander. Em busca de um lugar: narrativas de deslocamentos e re-localizações, nos romances **Rakushisha, Azul corvo e Hanói**, de Adriana Lisboa. 2020. 192 f. Orientadora: Maria Zilda Ferreira Cury. Tese (Doutorado em Letras: Estudos Literários) Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

SAAVEDRA, Carola. **Toda Terça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAAVEDRA, Carola. **Paisagem com Dromedário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SAHR, Wolf-Dietrich. The construction of a migrant's place. A deconstructive approach in cultural geography. In: HEIDEMANN, Heinz; SILVA, Sidney Antonio (Orgs.).

Migração: nação, lugar, dinâmicas territoriais. São Paulo: Humanitas, 2007, p. 323-332.

SANTIAGO, Silvano. Deslocamentos reais e paisagens imaginárias – o cosmopolita pobre. In. CHIARELLI, Stefania e OLIVEIRA NETO, Godofredo (Orgs.). **Falando com estranhos**: o estrangeiro e a literatura brasileira. Rio de Janeiro: 7letras, 2016, p. 15-32.

SASSEN, Saskia. The Global City. In: NUGENT, David, VINCENT, Joan (Ed.). **A Companion to the Anthropology of Politics**. Blackwell, 2004, p. 168-178.

SILVESTRE, Edney. **Vidas provisórias**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

UNHCR – The UN Refugee Agency. **Figures at a Glance**: Statistical Yearbooks. ONU, 2019. Disponível em: <<https://www.unhcr.org/figures-at-a-glance.html>>. Acesso em: 25 jul. 2019.

VIEIRA, Carlos Henrique. Deslocamentos e desterritorialização em duas narrativas contemporâneas. In: **Mafuá**. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 21, s.p., 2014. Disponível em: <<https://mafua.ufsc.br/2013/deslocamentos-e-desterritorializacao-em-duas-narrativas-contemporaneas/>>. Acesso em: 11 mar. 2019.

Recebido em: 21-02-2021.

Aceito em: 04-04-2021.